

CHARLIE DONLEA

Autor dos best-sellers **A GAROTA DO LAGO** e **DEIXADA PARA TRÁS**

NÃO
CONFIE EM
NINGUÉM

*Um thriller emocionante.
O melhor livro de Charlie Donlea até agora!*

MARY KUBICA

*Parece uma obra de não ficção:
é objetiva, nítida e veloz!*

BOOKLIST

CHARLIE DONLEA

**NÃO CONFIE
EM NINGUÉM**

Tradução: Carlos Szlak



COPYRIGHT © 2018. DON'T BELIEVE IT BY CHARLIE DONLEA. PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH BOOKCASE LITERARY AGENCY AND KENSINGTON PUBLISHING.

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2018

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **BARBARA PARENTE**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa © **KAZUNORI NAGASHIMA | GETTY IMAGES**

Imagemns internas © **REDPIXEL.PL, LUX BLUE, VECTOMART | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Donlea, Charlie

Não confie em ninguém / Charlie Donlea ; tradução
Carlos Szlak. — 1ª ed. — Barueri, SP : Faro Editorial, 2018.

Título original: Don't believe it.

ISBN 978-85-9581-043-3

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana) I. Título.

18-18003

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427



1ª edição brasileira: 2018

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br



SUGAR BEACH

SANTA LÚCIA, CARIBE ORIENTAL

Gros Piton
Jalousie Plantation – Vila de Casas e Pousadas
29 de março de 2007

O SANGUE ERA UM PROBLEMA.

Eu soube assim que o senti pingar em meu rosto. Ele escorria do contorno do couro cabeludo dele e deslizava pela mandíbula, até gotejar no penhasco de granito, primeiro em gotas vermelhas esporádicas, como os primeiros pingos de chuva de uma tempestade que se aproxima, e, depois, em um fluxo contínuo, como se uma torneira tivesse sido conectada no lugar de sua cabeça onde eu a golpeei. Foi um erro de julgamento e estratégia; uma lástima, porque até aquele momento eu agi com perfeição.

Um instante antes, na curva final de minha árdua escalada do Gros Piton, pisei numa poça de lama com as solas macias dos sapatos. A adrenalina tinha tomado conta do meu corpo, o que facilitou bastante a jornada. As endorfinas me ajudariam muito. Eu precisaria de seus poderes analgésicos para descer a montanha tão rápido quanto a subi. Matar alguém exige perfeição, *timing* e sorte. Eu esperava que esses três atributos estivessem ao meu lado nesse entardecer.

Ele ficou visível. Enquanto olhava fixamente para além do penhasco, o sol poente projetava sua sombra em minha direção como uma pantera negra pintada no solo. Ele estava de pé ao lado de uma manta que estendera sobre o granito junto a uma garrafa de champanhe e duas taças. Ao fundo, o sol se aproximava do horizonte, derramando seu brilho sobre as águas calmas do Caribe, perturbadas apenas por um veleiro cuja vela de balão luminosa se achava inflada pela brisa do entardecer.

Eram trinta metros até a água. Uma queda em linha reta, e próxima da base da montanha, que o mar não poderia amortecer substancialmente. Confirmei isso na véspera. Pensei muito a respeito à noite. Além da profundidade da água, calculei o tempo que eu levaria para alcançar o penhasco e voltar para o meu chalé. Tracei meu caminho de volta através do *resort*. Levei em consideração o inesperado. Era uma necessidade para qualquer estratégia correta. E, o mais importante, considerei quanto tempo eu passaria com ele no penhasco. Não seria muito.

De meu lugar na folhagem, dei alguns passos silenciosos para a frente até que ele ficasse acessível, perto o bastante para eu o tocar. Porém, o toque físico seria limitado nesse entardecer. O toque físico deixaria pistas, fibras e provas periciais. Minha arma me permitia manter-me a uma distância segura. Eu a ergui, fazendo uma pausa ligeira no ponto máximo do arco, no momento em que minha mão estava erguida bem acima de minha cabeça, então a abaixei em um golpe violento contra seu crânio. O contato foi vigoroso. Um ataque direto que ele não previu e provavelmente não sentiu. Além de uma sinapse ligeira que se irradiou através dos neurônios do sistema nervoso central, ele provavelmente não sentiu nada. Nenhuma dor, nenhum sofrimento. A menos que, claro, ainda estivesse consciente quando ultrapassou a beira do penhasco. Tento não perder tempo com isso.

Imediatamente eu soube que meu ataque fora muito agressivo. Meu objetivo era atordoá-lo e deixá-lo incapaz de se defender. Em vez disso, meu golpe quase o matou. Automaticamente, ele levou a mão à parte posterior da cabeça e caiu de joelhos. Esperei e observei, sem saber ao certo como as coisas progrediriam. Ele pareceu reconhecer o sangue que pingava no granito e conseguiu reunir força suficiente para se erguer, cambaleante. Antes que ele pudesse se virar, porém, dei um toque em seu traseiro com meu pé, e ele desapareceu. Não o ouvi aterrissar, nem escutei um barulho de batida na água. Não me atrevi a me aventurar até a beira do penhasco com medo de que alguém tivesse visto seu corpo caindo na direção do mar, como um paraquedista cujo paraquedas não abriu, e, na sequência, olhasse para a origem da queda e me visse espreitando.

Nesse momento, no entanto, após avaliar o penhasco, me pus a trabalhar para descobrir a melhor maneira de reparar meu erro. O sangue

contaria uma história diferente da que eu esperara descrever nesse anoitecer. Levei apenas uma fração de segundo para tomar minha decisão. A carnificina sobre o penhasco era impossível de esconder. O respingo no meu rosto, porém, precisava ser enfrentado. Em uma inspeção mais atenta, notei que o borriço correu pelo meu peito e pela minha mão esquerda. Outro acúmulo, notei, manchou minha arma de vermelho. Foi um erro infeliz; não forçado e provocado inteiramente pelo meu ímpeto. Não havia como solucionar todos esses problemas. Assim, escolhi o mais urgente — o sangue que me cobria — e arrumei uma solução. Dei as costas para o sol poente e o penhasco coberto de sangue e desci correndo a montanha, pisando na terra, atravessando o mato e descendo pela escada de pedras e bambu diretamente até o chalé.

Gros Piton
O penhasco
29 de março de 2007

JULIAN CRIST FEZ A ESCALADA DO PICO GROS PITON, NA ponta sudoeste de Santa Lúcia, em pouco menos de trinta minutos. Alcançar o cume do Piton era um programa turístico popular que ele e seu grupo haviam realizado no dia anterior. Nesse entardecer, porém, Julian subiu sozinho até o penhasco de Soufrière; um local que ele encontrara na véspera e decidira que seria um lugar perfeito para observar o pôr do sol. Tratava-se de uma caminhada fácil, que exigia pouco mais do que seguir a trilha que se estendia a partir da base da montanha. A parte mais árdua do passeio era uma subida íngreme por uma escadaria de cinquenta degraus, na encosta do penhasco, feita de pedregulhos e bambus pelos moradores de Santa Lúcia, que tornava transitável o íngreme desfiladeiro inferior.

Assim que o caminhante superasse o único desafio na subida para o penhasco, o resto da escalada seria tranquilo por uma trilha de terra que oferecia vislumbres ocasionais do Mar do Caribe e do resort na orla da praia. Era uma caminhada pitoresca, e, quando chegou à clareira, Julian soube que era o lugar perfeito para o que planejava. Ele tirou a mochila dos ombros e estendeu a manta sobre o granito liso do penhasco. Abaixo, uma vista impecável da baía dos Pitons, onde, em cerca de quarenta minutos, o sol sumiria do céu azul sem nuvens e mergulharia no horizonte.

Julian consultou o relógio. Para compensar sua tolice, o cenário precisaria estar impecável para a chegada dela. Ele quase arruinara tudo

nesse dia, mais cedo. Errara ao acusá-la de algo, especialmente porque era ele quem estava escondendo certas coisas. Contudo, faria as pazes com ela esta noite.

Julian tirou duas taças de champanhe da mochila e abriu uma garrafa de *Veuve Clicquot Yellow Label*. A rolha decolou em um arco elevado e depois começou a cair, desaparecendo na beira do penhasco. Ele sentiu um frio na barriga ao observar o voo da rolha. Pela vigésima vez desde que começara a subir o Gros Piton, Julian verificou o seu bolso, esfregando os dedos nas bordas para se certificar de que não tinha perdido.

Com tudo preparado, ele ficou ao lado da manta, observando o sol se pôr. Um veleiro, com sua vela colorida enfunada pelo vento, navegava inclinando-se pela baía dos Pitons. À direita, ele podia ver a praia e um pequeno grupo reunido para assistir ao crepúsculo. Se havia outro lugar mais bonito no planeta, ele ainda não conhecera.

Julian ouviu um graveto estalando atrás de si, e se perguntou como ela pudera alcançar o penhasco sem ele perceber sua aproximação. Antes que esse pensamento fizesse seus músculos reagirem, Julian sentiu um golpe abalar seu corpo. Começou na cabeça, um impacto rápido que paralisou o tempo e congestionou seus movimentos, como se ele nadasse em óleo. Apenas o filete de sangue no cabelo e no ouvido fez com que sua mente alcançasse o presente. Então tocou o lugar na cabeça onde a onda de choque se originou, e trouxe as mãos de volta diante de si ao cair para a frente, de joelhos. De quatro, observou o sangue pingar no granito quando se inclinou mais. O sol realçou a mão direita, cujos dedos eram pontas vermelhas, que pareciam pertencer a outra pessoa.

Julian se ergueu cambaleante e deu alguns passos instáveis, dois para a frente e um para o lado, em uma tentativa de se virar. Um empurrão firme — abaixo de sua lombar — fez seu pescoço se arquear para trás e o arremessou de forma descontrolada para a beira do penhasco. Ele sentiu novamente um frio na barriga, como se estivesse observando outra vez o arco da rolha do champanhe. Uma imagem distorcida da encosta da montanha, exuberante com a folhagem verde, tomou conta de sua visão durante três segundos. Em seguida, o mar surgiu e o absorveu.

No penhasco, o sol poente realçava o sangue derramado e projetava no granito sombras da garrafa de champanhe e das duas taças, que se

estendiam pelas rochas. Três objetos inanimados atraindo toda a escuridão oposta de suas sombras a partir da claridade do sol, até uma hora depois, quando se apagaram e se fundiram na noite.

*Sala do tribunal
Suprema Corte de Santa Lúcia
Nove meses depois*

A REPÓRTER DA NBC, DIANTE DA CÂMERA, SEGURAVA O microfone, com a sala do tribunal da Suprema Corte de Justiça de Santa Lúcia enquadrada bem atrás.

— Três, dois, um — disse o operador de câmera, fazendo a contagem regressiva, e apontou para a repórter.

— Acabamos de receber a informação de que os jurados voltaram a se reunir para deliberar a respeito do destino de Grace Sebold. Foram longos nove meses para a família de Julian Crist em busca de justiça para o seu filho, que foi morto aqui em Santa Lúcia em março passado. Estudante do quarto ano da Faculdade de Medicina de Nova York, o corpo de Julian Crist foi encontrado na manhã de 30 de março na famosa Sugar Beach, onde ele e seus colegas de turma se reuniram no recesso escolar de primavera para celebrar o casamento de uma amiga. Primeiramente, os detetives acreditaram em uma queda acidental de um dos famosos montes gêmeos de Santa Lúcia, Gros Piton, mas logo começaram a suspeitar da ocorrência de um crime. Após apenas dois dias de investigação, Grace Sebold, estudante de medicina e namorada de Crist, foi presa em Santa Lúcia e acusada do assassinato. Um julgamento tenso, com fortes emoções, se seguiu na Suprema Corte de Justiça de Santa Lúcia. Hoje, o destino de Grace Sebold será decidido por um corpo de doze jurados. — A repórter pôs o dedo no ouvido e deu a informação que acabara de receber: — O júri está voltando. Vamos levar vocês até a sala do tribunal para o veredicto.

A equipe de produção passou a transmissão para o interior da sala do tribunal, que estava lotada de espectadores acomodados nos bancos como um culto de domingo movimentado. Os repórteres e os operadores de câmera da CNN, da BBC e da FOX News se amontoavam na parede dos fundos. Os jurados retomaram seus lugares, e a sala zuniu com uma agitação silenciosa, quebrada vez ou outra pelo disparo das câmeras, com os obturadores abrindo e fechando conforme os fotógrafos tentavam capturar cada gesto e expressão facial. Rompendo o silêncio, uma porta lateral se abriu e um policial entrou conduzindo Grace Sebold. A imprensa, frenética, disputava o melhor ângulo para tirar uma foto da enigmática Grace, descrita nos últimos três meses como uma combinação de médica de futuro brilhante e assassina cruel.

O policial levou Grace até seu advogado, sentado a uma mesa diante do juiz. O advogado ficou de pé quando Grace chegou e sussurrou algo em seu ouvido. Ela concordou sutilmente.

O magistrado pediu silêncio com três batidas sonoras de seu martelo.

— Esta é a Suprema Corte do Distrito Sul de Santa Lúcia, presidindo o caso de Santa Lúcia *versus* Grace Sebold — o juiz afirmou e dirigiu o olhar para os jurados. — Representante dos jurados, o júri chegou a uma decisão unânime a respeito desse caso?

— Sim, meritíssimo — um homem de meia-idade respondeu, segurando uma pasta.

O policial pegou a pasta do representante dos jurados e a entregou ao juiz, que a colocou sobre a superfície na sua frente. Sua expressão facial permaneceu impassível quando ele abriu a pasta e leu o veredicto em silêncio. Em seguida, observou a sala lotada.

— Pedirei a todos os aqui presentes nesta manhã que respeitem a Suprema Corte, abstendo-se de reações emocionais após minha leitura do veredicto. Além disso, peço para a imprensa permanecer em seu lugar e não cruzar nenhuma das barreiras que foram montadas. — O juiz baixou os olhos na direção do veredicto e fez uma pausa breve antes de fixar o olhar em Grace Sebold. — Senhorita Sebold, por favor, levante-se.

Grace obedeceu, e sua cadeira emitiu um guincho terrível quando deslizou pelo chão ladrilhado.

— No caso de Santa Lúcia *versus* Grace Sebold, a respeito da acusação de homicídio de primeiro grau, o júri considerou a acusada: culpada — o juiz afirmou.

Um murmúrio atravessou a sala do tribunal; uma combinação de aprovação da família e dos partidários de Julian Crist e de choro e suspiros dos pais de Grace Sebold.

— Por ordem da Suprema Corte, você, Grace Janice Sebold, foi considerada culpada de homicídio qualificado e será encaminhada para a Penitenciária de Bordelais para aguardar a sentença. Senhorita Sebold, você entende inteiramente as acusações impostas contra você e as possíveis penalidades por ser responsabilizada pelas supracitadas acusações?

Grace murmurou um *sim* quase inaudível.

— Gostaria de se dirigir à corte ou aos jurados, como é o seu direito?

Grace fez um gesto negativo com a cabeça e murmurou de novo. *Não*.

O juiz bateu o martelo mais três vezes enquanto o advogado de Grace Sebold tentava ampará-la. O peso de seu corpo sem energia o impressionou, e ele a acomodou na pesada cadeira de madeira que quebrara o silêncio da sala alguns momentos antes. O policial se aproximou rapidamente dela e a ergueu pelo braço para levá-la de volta para a cadeia.

Apesar das contínuas batidas de martelo do juiz, os repórteres gritavam perguntas para Grace enquanto ela deixava a sala do tribunal.

— Você fez isso, Grace?

— Você é culpada?

— Vai apelar da decisão, Grace?

— Está arrependida do que fez?

— Quer dizer alguma coisa para a família de Julian?

Um repórter particularmente incontrolável avançou até a frente da barreira e inclinou-se sobre o parapeito de mogno para chegar o mais perto possível da porta lateral. O policial arrastou Grace até a porta aberta.

— Grace! — o repórter chamou com uma urgência que chamou a atenção dela e a fez olhar para ele. Quando os olhares se encontraram, o repórter empurrou o microfone sobre a barreira, reduzindo a distância entre ele e Grace para apenas trinta centímetros. — Por que você matou Julian?

Grace piscou ante a rudeza da indagação. O policial afastou o microfone com força e empurrou Grace pela porta lateral, deixando para trás os jornalistas que berravam e suas câmeras estridentes.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
SERMOGRAF EM JULHO DE 2018